

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO E PALEONTOLÓGICO “LAGOA DE SÃO VITOR” SOB A ÓTICA DA ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM, SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

THE ARCHAEOLOGICAL AND PALEONTOLOGICAL SITE “LAGOA DE SÃO VITOR” FROM THE PERSPECTIVE OF LANDSCAPE ARCHEOLOGY, SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

Bruno Vitor de Farias Vieira

Doutor em Arqueologia (PROARQ/UFS),
Colegiado de Arqueologia da Universidade do
Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: brunovieira@uneb.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3374-1708>

Nívia Paula Dias de Assis

Doutora em História (PUCRS), Colegiado de
Arqueologia e Preservação Patrimonial da
Universidade Federal do Vale do São Francisco
(UNIVASF)

E-mail: nivia.assis@univasf.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7513-9639>

RESUMO

Este artigo propõe um modelo interpretativo acerca dos processos de uso e ocupação do sítio arqueológico e paleontológico “Lagoa de São Vitor” (São Raimundo Nonato, Piauí - BR), sob a ótica da Arqueologia da Paisagem. Com a pesquisa de Vieira (2015) houve um aprofundamento das interpretações arqueológicas sobre este sítio. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a região, análise documental no acervo da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), pesquisa de campo e o uso das geotecnologias para a observação espacial em escalas diversas. A partir de uma análise paisagística foi possível compreender as lagoas e as formações geomorfológicas (inselbergues) como marcadores ambientais e culturais que repercutem na dinâmica de circulação de grupos humanos, desde períodos mais recuados até o presente, demonstrando relações de caráter físico e simbólico. Nesse

caso, o conceito de sítio arqueológico foi ampliado, caracterizando o que se denominou de “Complexo Paisagístico Lagoa de São Vitor”.

Palavras-chave: Arqueologia da Paisagem; Sítio Lagoa de São Vitor; ambientes lacustres; marcos paisagísticos.

ABSTRACT

This research proposes an interpretative model about the processes of use and occupation of the archaeological and paleontological site “Lagoa de São Vitor” (São Raimundo Nonato, Piauí - BR), from the perspective of Landscape Archeology. With the research by Vieira (2015), there was a deepening of archaeological interpretations about this site. To this end, a bibliographic review was carried out on the region, document analysis in the collection of the Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), field research and the use of geotechnologies for spatial observation at different scales. From a landscape analysis, it was possible to understand the lagoons and geomorphological formations (inselbergues) as environmental and cultural markers that have an impact on the dynamics of circulation of human groups, from earlier periods to the present, demonstrating relationships of a physical and symbolic nature. In this case, the concept of archaeological site was expanded, characterizing what was called “Lagoa de São Vitor Landscape Complex”.

Keywords: Landscape Archeology; Lagoa de São Vitor site; lake environments; landscape landmarks.

A PAISAGEM NOS ESTUDOS SOBRE GRUPOS HUMANOS

“A paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades”.

(Aziz Ab Saber, 1977).

O estudo da paisagem tem em sua origem uma atenção por parte de diversas áreas do conhecimento. Estas verificaram como a análise integrada do “meio” poderia gerar uma diversidade de interpretações sobre usos e ocupações dos espaços, principalmente pelos grupos humanos.

No século XVIII uma significativa quantidade de documentação voltada para pesquisas paisagísticas foi gerada, formatando a paisagem, propriamente

dita, como um objeto oficial de estudo. Direcionadas majoritariamente para detalhamentos descritivos, tais pesquisas estavam atreladas às intenções de se criar inventários de delimitação de cidades e regiões (Del Valle, 1995), ou seja, de se empreender estudos puramente técnicos, voltados para a demarcação de fronteiras políticas através de medições topográficas.

A partir do século XIX estudos dessa natureza começam a ser inseridos de fato, no mundo acadêmico, especialmente em áreas como a Geografia e a História, que passam a se estruturar como disciplinas ainda nos primeiros anos deste século. Em meio aos mais decisivos fatores de avanço nestas áreas estava a conclusão do mapa-múndi, pois o mesmo possibilitou o conhecimento completo das linhas de costa e explorações do interior dos continentes, seguindo cursos fluviais, penetrando em desertos, etc. (Del Valle, 1995).

Em um primeiro momento, na verdade, o estudo das paisagens teria correspondido ao âmbito da Geologia, uma disciplina que se assemelha a Arqueologia no que diz respeito à necessidade da obtenção de informações materiais acerca de elementos externos, principalmente para o estabelecimento de cronologias. Nesse período, à medida que a paisagem também era reivindicada pela Geografia, somente alguns geógrafos demonstraram interesse pelas relações da mesma com a história dos grupos humanos. Já os historiadores teriam se inclinado por tais perspectivas somente no século seguinte (Del Valle, 1995).

Mas, vale ressaltar que a “disputa” multidisciplinar que se travou pela otimização dos estudos de paisagem, entre a Geologia, a Geografia e afins, sofreu influências diretas da História, pois suas abordagens teriam protagonizado os pensamentos do período, ao empreender análises paisagísticas correlacionadas aos estudos históricos. Del Valle expõe:

Teve-se que esperar até a década de 1930 para que um romântico francês, Jules Michelet, proponha pela primeira vez, uma leitura da paisagem através da História, ao afirmar a existência de uma correlação direta entre a atividade humana ao longo dos séculos e a paisagem, porém enfatizando que não é a paisagem que determina a evolução de uma nação, mas a sua própria história, cujos marcos se refletem na paisagem (Del Valle, 1995, p. 21-22).

Deste modo, além das ciências voltadas para a parte mais ambiental, que concebia a paisagem unicamente como “natural”, a História passou a demonstrar uma potencialidade de estudo a partir de seus preceitos metodológicos. Como resultado, a paisagem passa a ter um caráter “cultural” passível de leitura e compreensão das atividades humanas.

Para Del Valle (1995), ainda no final do século XIX e quase na metade do século XX o termo “paisagem” já era dotado de uma ambiguidade conceitual, reforçada pelas obras de Ratzel¹ e Vidal de La Blache². Tal confusão se deu pelo fato de que estes pesquisadores possuíam visões distintas: a abordagem do primeiro estava inserida na *Geografia Física*, direcionada à área das ciências naturais; já a do segundo, na *Geografia Humana*, que era empreendida por geógrafos com formação histórica³.

Assim, a paisagem compôs o arcabouço de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento, extrapolando a obviedade conceitual que o termo carrega e tornando-se um elemento complementar aos estudos acerca da cultura e do comportamento humano, como a Arqueologia, por exemplo.

1 Na obra “Antropogeografia” Friedrich Ratzel utiliza o conceito de paisagem em uma forma antropogênica, demonstrando que ela é o resultado do distanciamento do espírito humano do seu meio natural. Desta forma, descreve uma dialética entre os elementos fixos da paisagem natural, como o solo, os rios, etc., com os elementos móveis, em geral humanos. Na sua abordagem, este distanciamento é importante porque inicia um processo de libertação cultural do meio natural, pela transferência de artefatos entre os povos, ou seja, pela migração destes, contrariando bastante a visão comumente propagada que Ratzel pode ser apontado como geo-determinista. Pois Ratzel não destaca a paisagem como uma forma local e delimitada, que exerce uma influência direta na sua cultura, mas utiliza o termo em forma genérica misturando-o com o termo “terra”. O termo “geografia cultural” foi utilizado primeiramente por Ratzel, ao escrever sobre a geografia dos Estados Unidos com ênfase econômica (Schier, 2003, p. 82).

2 Em sua obra “Principes de géographie humaine” (1996) Vidal de La Blache explicita a relação homem-natureza no qual aparecia mais ligada ao concreto e regional, no conceito de “pays”. Em relação à cultura que transforma a natureza, afirmou que “é preciso partir da ideia de que uma região é um reservatório onde dormem energias das quais a natureza depositou o germe, mas das quais o emprego depende do homem” (Schier, 2003, p. 82).

3 Sobre a definição de “paisagem” é importante destacar outro pioneiro determinante para a sua consolidação, Alexander von Humboldt. Em suas obras “o conceito de paisagem foi construído e representado de uma maneira singular, inaugurando no campo geográfico uma nova forma de articulação e explicação científicas. O conceito de paisagem é, em Humboldt, o produto de inúmeros legados filosóficos, científicos e artísticos, e, nesse sentido, forneceu as estruturas teóricas e práticas da ciência do Cosmos, fundamentando neste domínio a Gênese da Geografia Moderna” (Silveira; Vitte, 2009, p. 2).

CONSIDERAÇÕES SOBRE ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

A relação da Arqueologia com as disciplinas da Ciência da Terra pode ser detectada desde o século XIX, na utilização de procedimentos e conceitos que oferecem aportes necessários para compreender a cultura material e demais evidências no contexto arqueológico (Araújo, 1999 *apud* Honorato; Faccio, 2009). Para Santos Junior (2013) a origem da Arqueologia da Paisagem está diretamente influenciada por dois principais enfoques: um de origem norte-americana, ligado à pesquisa de antigos jardins, e outro, de origem europeia, que é direcionado às relações existentes entre a Arqueologia e a Geografia.

A Arqueologia da Paisagem consolida-se como um “modelo alternativo sobre a relação entre espaço e cultura” (Valera, 2000, p. 113) e surge procurando substituir a conhecida “Arqueologia Espacial”⁴, até então “considerada amarrada a perspectivas exclusivamente funcionalistas, economicistas e ecologistas” (Valera, 2000, p. 112).

A história da Arqueologia da Paisagem de origem anglo-saxônica começa com o aparecimento da Arqueologia Espacial no final da década de 1960, como resposta do Processualismo ao Histórico-culturalismo, tendo como precursores nomes como L. Binford, Leslie White e D. Clarke. O Processualismo foi extremamente influenciado pela onda neopositivista que impregnou muitos dos campos científicos daquela época. As pesquisas no âmbito dessa abordagem objetivavam, principalmente, o estabelecimento das relações das sociedades do passado com o ambiente, analisando-se os padrões de assentamento humano (Oliveira, 2007b).

Santos Júnior (2013) menciona o enfoque ecológico e geográfico que esse tipo de Arqueologia lidou na abordagem francesa, utilizando-se de métodos cartesianos por meio do uso demasiado de modelos matemáticos e

4 A Arqueologia Espacial se ocupa de um conjunto de elementos e relações que representam atividades humanas em todas as escalas, bem como vestígios e artefatos que tenham deixado, a infraestrutura física que as acolheu, os nichos ecológicos que interferiram e a relação entre todos estes aspectos. Conforme Clarck (1977), os estudos devem restringir-se a três níveis de escala: dentro das estruturas, entre as estruturas e entre os diferentes sítios arqueológicos. Nessa perspectiva, os dois primeiros níveis referem-se ao espaço intrasítio, enquanto que o terceiro refere-se à análise intersítio (Wolf *et al.*, 2013, p. 61).

estatísticos, além do estabelecimento de padrões. A paisagem, desse modo, passa a ser vista como resultante da integração entre os seus aspectos físicos e o uso que os grupos humanos fazem deste espaço.

O determinismo ecológico, exaustivamente enfatizado nos estudos processualistas, dialoga, em alguns casos, com a Arqueologia da Paisagem. Sob o ponto de vista desta abordagem pode-se mencionar uma diversidade de ramificações responsáveis pelos estudos nesta subárea, fruto de um entrelaçamento multidisciplinar com esta *práxis* arqueológica, como a Geoarqueologia, Paleoecologia, Palinologia, dentre outras.

Fagundes e Piuzana (2010) explicam que uma interpretação da paisagem sob o ponto de vista exclusivamente ecológico não está totalmente equivocada, já que sob esse ponto de vista os grupos humanos encontravam na natureza recursos de sobrevivência essenciais para a sua manutenção “físico-biológica”. Entretanto, para estes autores, o que é questionável é a passividade destes grupos em relação ao meio.

Logo, essa visão ecológica pode ser considerada a compreensão objetiva da paisagem, pela qual se explica parte das relações homem *versus* meio. Contudo, se esquece (ou faz ‘nanica’) [sic] das particularidades do processo histórico, das escolhas que são de ordem puramente cultural, das graduações do fato, a consciência inerente à condição humana que permite a ordenação, classificação, os modos de pensar e de agir, o relativismo e as próprias escolhas (Fagundes; Piuzana, 2010, p. 211).

É importante mencionar que estes estudos de caráter processualistas eram pautados na relação humano-meio, e neste caso, se buscava a compreensão de como o meio ambiente influenciava o comportamento dos grupos humanos. Desse modo, Oliveira (2007b) elucida que, ainda neste período, se falava mais no termo “Ecologia Humana” do que em uma Arqueologia da Paisagem (*Landscape Archaeology*), como atualmente é referenciada.

A Arqueologia da Paisagem, propriamente dita, surge no seio das discussões da Arqueologia pós-processualista, sendo uma alternativa para o estudo da paisagem/espaço e atingindo patamares até então não alcançados pelos métodos de análise anteriores. Neste sentido, o estudo da

paisagem sob a ótica pós-processual é caracterizado “pela contraposição aos modelos matemáticos e estatísticos [...] e por uma maior ênfase nos aspectos simbólicos e cognitivos” (Oliveira, 2007b, p. 25); como já atestava o arqueólogo Ian Hodder, ao enfatizar que a existência de uma dimensão simbólica na cultura não pode ser deixada de lado (Macedo, 2011).

Para Simões (2012) a Arqueologia da Paisagem, influenciada pelo pós-processualismo, modifica não só o estudo desse objeto, como também a mentalidade do/a pesquisador/a, fazendo-o/a repensar sobre a (re)utilização dos métodos e técnicas para lidar com a paisagem. Neste sentido, Fagundes, Lara e Leite (2012, p. 42) defendem esta mesma perspectiva ao afirmarem que “a paisagem deve ser entendida tanto em sua faceta material [...], como em sua vertente espiritual (imaterialidade), ou seja, as significações e ressignificações antrópicas ao longo de sua história”.

Por outro lado, autores como Oliveira (2007b) acreditam que o Pós-processualismo também apresenta limitações para as análises em Arqueologia da Paisagem:

a dificuldade em se encontrar vestígios orgânicos, no caso brasileiro, associam-se a problemas de ordem teórico-metodológicos para que se possa, de fato, realizar interpretações sobre o passado em níveis mais abstratos. E isso tudo mesmo com o aporte da Arqueologia da Paisagem (Oliveira, 2007b, p. 25-26, grifo nosso).

Neste trabalho, discorda-se de tais restrições interpretativas, uma vez que se compreende aspectos simbólicos e cognitivos em uma diversidade de contextos, para além dos mencionados pelo autor supracitado: a escolha de matérias-primas, de vias de locomoção, a manufatura e morfologia de estruturas e artefatos, a seleção de locais para a implantação de unidades habitacionais e de demais atividades antrópicas, tais como os marcos paisagísticos que aqui serão considerados.

A REGIÃO DE SÃO RAIMUNDO NONATO (PI): GÊNESE DA PAISAGEM

Para que se compreenda o ambiente em que esta pesquisa está sendo empreendida é necessário analisar os fenômenos geológicos e geomorfológicos que culminaram na conformação do relevo local e entorno. É sabido que as feições atuais são resultados de uma longa dinâmica sequencial de fases, sobre as quais se realizou algumas considerações sobre sua gênese e modificações, a fim de se compreender o atual cenário de observação.

Características geoambientais da área de estudo

A região sudeste do Piauí encontra-se numa fronteira de domínios geológicos distintos, dos quais dois destes são caracterizados exhaustivamente por pesquisas empreendidas na região do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno: A Província Estrutural da Borborema, representada pela Faixa de Dobramentos Riacho do Pontal e o terreno sedimentar que é representado pela Bacia do Parnaíba (Santos, 2007).

Entretanto, a região que compreende o sítio “Lagoa de São Vitor” (sudoeste do município de São Raimundo Nonato), na qual se formam inúmeras lagoas, pertence a outro domínio geológico. Trata-se da Província São Francisco, mais especificamente a área denominada Complexo Remanso-Sobradinho, até recentemente pouco apontada nas pesquisas locais.

Esta província equivale ao Cráton do São Francisco que exhibe caracteres geológicos representativos de todo o período compreendido entre o Arqueano e o Proterozóico Superior (Almeida *et al.*, 1977; Mascarenhas *et al.*, 1984 *apud* Abha, 2011).

O embasamento cristalino é constituído, inicialmente, por gnaisses diversos pertencentes ao Complexo Sobradinho-Remanso, além de filitos, mármore, quartzitos e xistos da Unidade Barra Bonita e, por fim; os granitos” (Aguar, 2004, p. 4).

Neste terreno afloram feições geomorfológicas específicas do semiárido brasileiro, que acabam por configurar a paisagem física da região pesquisada.

Nele foram identificados relevos residuais, representados pelos inselbergues e os pediplanos (IBGE, 2009).

De acordo com a Teoria de Penk, os relevos residuais são resultantes da erosão diferencial, ou seja, as rochas mais resistentes serão preservadas pelas “saliências que permaneceram menos atacadas pela erosão em virtude de sua posição nas áreas interfluviais” (Christofoletti, 1974 *apud* Souza; Oliveira; Cerqueira, 2011, p. 08).

A formação destes relevos ocorre por uma diversidade de fatores ligados diretamente ao clima da região onde se deu a conformação destes elementos.

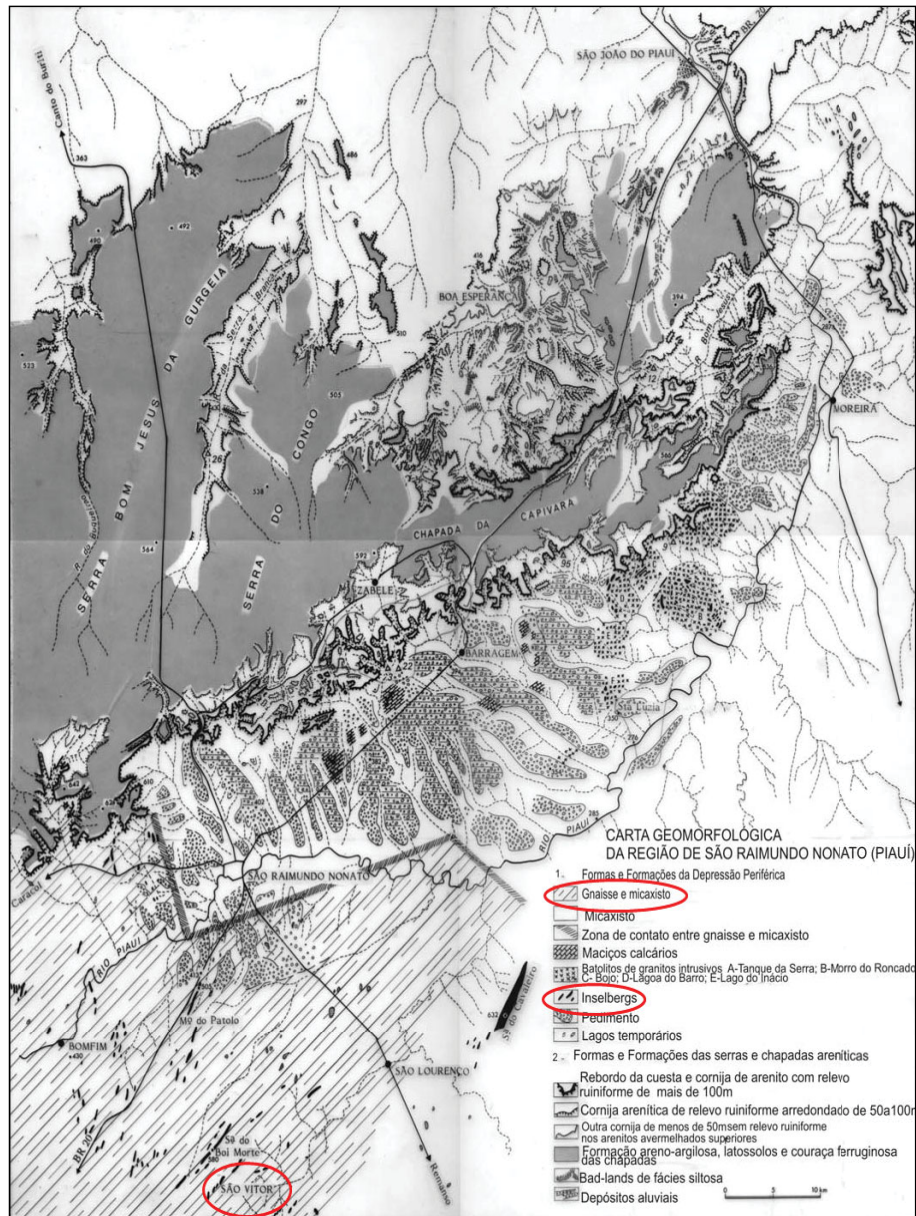
As formas horizontalizadas, aplainadas e pediplanadas encontradas em grande parte do Nordeste não iniciaram sua formação no regime climático atual. A modelagem dessas formas está vinculada aos fenômenos paleoclimáticos de climas agressivos, secos ou áridos. Os pediplanos e seus respectivos residuais resultam de climas secos/áridos, por isso, para a compreensão da gênese de relevos testemunhos como os inselbergues, deve-se levar em conta a existência de um clima com grandes amplitudes térmicas diárias, favorecendo a ocorrência de desagregação mecânica das rochas – termoclasia (Cassetti, 1994 *apud* Souza; Oliveira; Cerqueira, 2011, p. 9).

A área correspondente ao sítio Lagoa de São Vitor é caracterizada pela presença de “pediplanos”, o que implica dizer que é “uma região aplainada [...] caracterizada por se originar da coalescência de pedimentos, litossolos e/ou extensos afloramentos” (Ribeiro, Marçal; Correia, 2010, p. 130). Em meio a esses locais é que se destacam os relevos residuais do tipo inselbergue. Nesse contexto, as referidas formações aplainadas:

São resultantes de domínios morfoclimáticos semiáridos onde a vegetação é rarefeita, os solos rasos e pedregosos, chuvas má distribuídas, bacias hidrográficas com rios intermitentes; tais características fisiográficas tornam o ambiente favorável para o embasamento do estudo a partir da teoria da pediplanação de Lester King e Walter Penk, propostas nas décadas de 50 e 60 (Souza; Oliveira; Cerqueira, 2011, p. 6-7).

Na Figura 1 verifica-se a localização da comunidade Lagoa de São Vitor e entorno, com relação ao seu posicionamento geomorfológico, bem como os respectivos tipos de rochas que propiciam as formações de relevo supracitadas.

Figura 1 - Carta Geomorfológica da região de São Raimundo Nonato-PI. Em destaque a região de São Vitor com a presença dos inselbergues no terreno pré-cambriano



Fonte: Pellerin, 1984 *apud* Santos, 2007, p. 28.

A exposição das rochas pré-cambrianas (tectonizadas e migmatizadas) do embasamento cristalino é a responsável pela da geomorfologia desta área (Depressão Periférica do São Francisco), que atinge altitudes de 450 metros,

configurando-se num extenso pediplano onde ocorrem inselbergues gnáissicos e quartzíticos, batólitos, graníticos intrusivos, micaxistos bem aplainados, além de maciços calcários metamorforizados (Barros *et al.*, 2011).

Teoria da pediplanação: a formação de inselbergues e lagoas

O modelo evolutivo relacionado com a pedimentação e a pediplanação explica que o ciclo erosivo pode se desenvolver em qualquer setor das massas continentais. O modo de regressão das vertentes postulado por essa teoria explicita que tal recuo ocorre nas escarpas rochosas paralelamente a si mesmas (Cristofolletti, 1980).

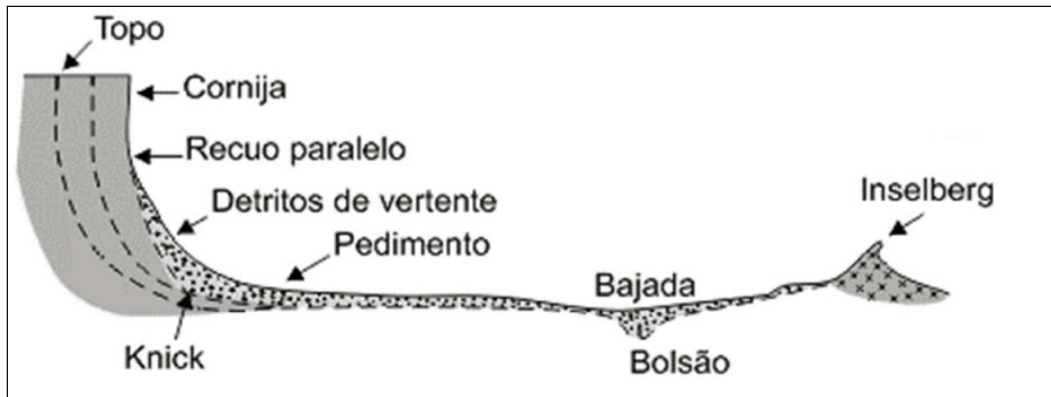
Este movimento das vertentes é feito por erosão regressiva através de processos de intemperismo físico-químico, provocando o fraturamento da face rochosa das escarpas e especialmente na base (setor mais úmido). Logo, o material desagrega-se, é evacuado por processos de transporte e as vertentes íngremes recuam, paralelamente (Ribeiro, Marçal; Correia, 2010).

Ressalta-se que esse modelo evolutivo foi aplicado primeiramente às regiões úmidas por W. Penck e L. King. Contudo, a forma como tais feições se configuram em outros contextos com características distintas, fez com que essa teoria também fosse verificada em locais com relativa calma tectônica e em regiões de clima diferenciado, como o semiárido nordestino, conforme foi constatado nesta pesquisa (Cristofolletti, 1980).

Neste cenário de pediplanação configuram-se sequências que definem os estágios de erosão e que metaforicamente são chamados de “juventude”, “maturidade” e “senilidade”. É apenas nos finais do ciclo de erosão (no caso, no estágio da senilidade) que as colinas são reduzidas a pequenas saliências rochosas e os pedimentos se estendem por amplas áreas, tornando a paisagem multicôncava. Isso se dá porque as suaves concavidades dos pedimentos provenientes de várias direções acabam por se unir (Figura 2). A soma e a coalescência dos pedimentos, junto às amplas planícies de inundação dos rios, constituem as pediplanícies, isto é, as superfícies aplainadas por pedimentação (Cristofolletti, 1980).

Neste contexto, surgem os chamados inselbergues (ou *inselbergs*). Este termo "foi introduzido pelo geólogo alemão Friedrich Bornhardt em 1900 para caracterizar montanhas pré-cambrianas, geralmente monolíticas, de gnaiss e granito" (Guerra, 2001 *apud* Souza; Oliveira; Cerqueira, 2011, p. 03).

Figura 2 - Recuo paralelo conforme teoria da pediplanação e origem dos inselbergues



Fonte: Caseti, 2005 *apud* Souza; Oliveira; Cerqueira, 2011, p. 7.

Com relação à caracterização, os inselbergues "são ilhas de rochas, cuja evolução se faz em função de uma erosão específica de clima seco, a esfoliação esferoidal" (Figura 3), conhecida também como erosão de "casca de cebola" (Souza; Oliveira; Cerqueira, 2011, p. 03). Tais feições localizam-se, em muitos casos, de dezenas a centenas de metros acima do piso da superfície regional e são originadas de rochas graníticas ou quartzíticas (Barros *et al.*, 2011).

Figura 3 - Inselbergue com destaque para o deslocamento da superfície da rocha ocasionado por esfoliação esferoidal



Fonte: Imagem dos autores (2013).

As vertentes deste tipo de formação desgastam-se rapidamente por consequência dos processos de intemperismo físico e químico (com predominância do primeiro), ou seja, as suas estruturas internas são constituídas por materiais mais resistentes à ação intempérica, do que aqueles que as circundam (Ribeiro, Marçal; Correia, 2010).

Os inselbergues podem apresentar feições variadas tipo crista, cúpula, domo ou “dorso de baleia” (Figura 4), com encostas de declives em torno de 50° a 60°, dominando uma superfície de aplanamento que forma no sopé uma ruptura (*knick*) de onde divergem as rampas de erosão (IBGE, 2009).

Figura 4 - Inselbergue do tipo “domo”, presente no sítio. É conhecido popularmente como “Pedra de São Vitor”



Fonte: Imagem dos autores (2014).

Embora frequentemente a caracterização dos inselbergues seja confundida com outra formação denominada “pão-de-açúcar”, há controvérsias no tocante ao ambiente em que esses elementos estão inseridos e nas suas próprias gêneses. No presente trabalho, considera-se a interpretação de que os primeiros são aqueles que estão inseridos em regiões semiáridas, já a última encontra-se restrita a locais úmidos (Souza, Oliveira; Cerqueira, 2011; IBGE, 2009). Neste sentido, Ab'Saber (1999, p. 7) complementa:

De certa forma os *inselbergs* são parentes dos pães-de-açúcar: nos períodos de incidência de climas secos em áreas hoje muito úmidas, sendo que os atuais pães-de-açúcar foram *inselbergs*. Por oposição, em velhas fases úmidas que precederam às aplainações dos fins do Terciário, alguns dos atuais *inselbergs* que pontilham os sertões secos podem ter sido pães-de-açúcar.

Neste contexto de formação dos *inselbergues*, de acordo com os princípios da teoria da pediplanação, surgem também os “pedimentos”, oriundos do processo de retração lateral das escarpas das vertentes e que, conseqüentemente, acumulam o material dentrítico em sua base, provocando entulhamento nas depressões e formando, por sua vez, rampas suaves (Maia, Bezerra; Sales, 2010; Souza, Oliveira; Cerqueira, 2011).

Além do pedimento, as “*bajadas*” também são elementos constituintes do processo de pediplanação. Estas são relevos mais baixos (pequenas depressões) encontrados nas áreas circunvizinhas aos *inselbergues*. Neste caso duas situações podem ocorrer: acumular água e formar lagoas nos períodos de chuva ou acumular os sedimentos (aluviões) que, no caso de sua obstrução, contribuem para o processo de aplainamento do terreno, ou seja, do mascaramento da irregularidade topográfica (Souza, Oliveira; Cerqueira, 2011).

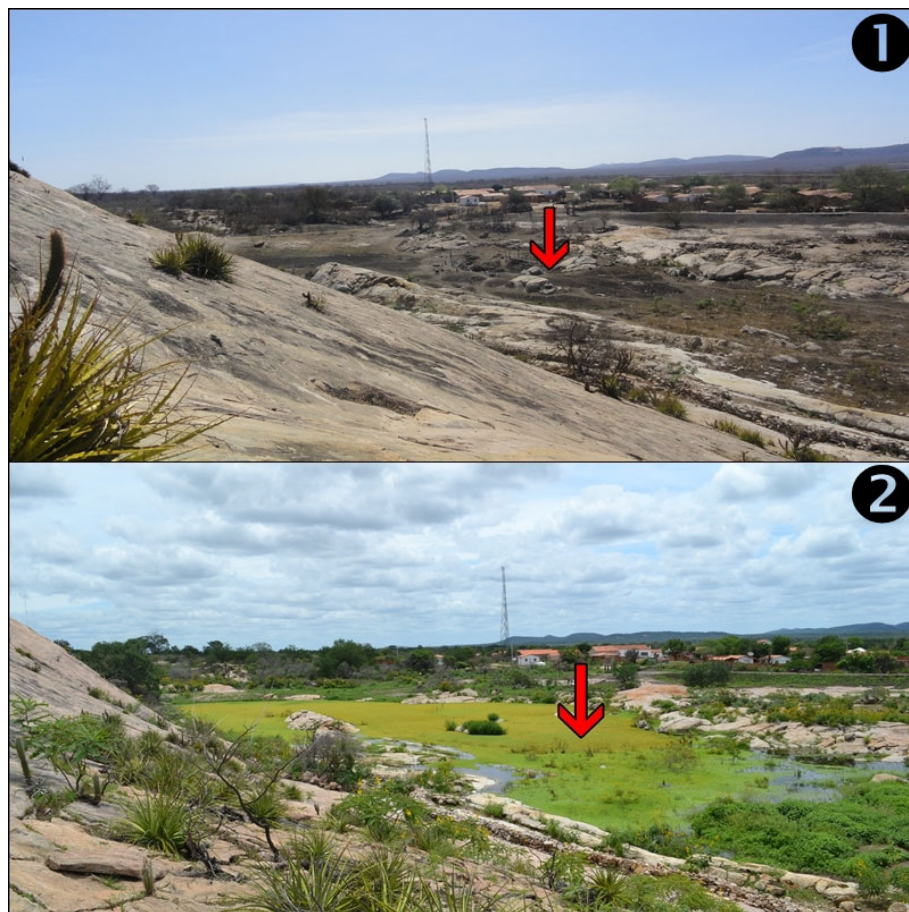
As *bajadas*, desse modo, podem ser as responsáveis por constituírem, nos últimos milênios, as inúmeras lagoas (Figura 5) que existem nesta região aplainada, e no qual o referido estudo foi desenvolvido. Ressalta-se que tais lagoas, por sua condição de intermitentes, “surgem” apenas no período de chuvas, possibilitando, desse modo, a subsistência da população local que ainda ocupa estas áreas, atenuando os rigorosos períodos de seca.

O paleontólogo Claude Guérin (1996, p. 61) ao analisar as lagoas dessa mesma paisagem, explica:

São depressões situadas na planície pré-cambriana, na base de um *inselberg* de granito. Estas depressões enchem-se d'água e depois secam, anualmente, conservando apesar de tudo um lençol freático. As depressões deste tipo são exploradas pelos habitantes da região para cavar poços, chamados localmente de cacimbas.

Por consequência desse cenário, os sedimentos continuamente úmidos no interior destas lagoas, são responsáveis pela preservação dos remanescentes paleontológicos de animais de grande porte, extintos durante o quaternário tardio (megafauna).

Figura 5 - A própria Lagoa de São Vitor pode ser um exemplo de “bajada”, formada por consequência do processo de pediplanação. 1: no período de estiagem (2013); 2: no período chuvoso (2014)



Fonte: Imagens dos autores (2013-2014).

Estudos geoarqueológicos realizados por Laborde e Mendes (2012) indicam que estas lagoas resultam de drenagens maiores existentes em um passado mais úmido, que posteriormente se tornaram pequenas acumulações fluviais a partir da formação de barreiras rochosas, criando assim o confinamento destas águas. Além disso, foi verificada a existência de um alinhamento entre esses corpos d'água, corroborando para essa interpretação e correlação com os leitos de grandes drenagens no passado (Mendes, 2016).

Neste processo, a inclinação do terreno teria sido fator determinante nas formações lacustres, principalmente a partir da correlação entre o declive médio dos mesmos e a densidade de lagoas. Estas, por sua vez, são mais abundantes na depressão periférica à serra, por possuírem coberturas superficiais sedimentares e estarem situadas em áreas mais planas.

Todos esses elementos mencionados constituem a geomorfologia local (pediplanos, pediplanícies, inselbergues, *bajadas*) e auxiliam na compreensão de como esse ambiente poderia ter sido ocupado no passado. Além disso, indica quais as suas potencialidades de atratividade para os grupos humanos e como seus recursos poderiam ter sido aproveitados por estes últimos.

Trata-se de uma abordagem que permite analisar a dinâmica entre os grupos humanos e a paisagem, a qual repercute em possibilidades interpretativas arqueológicas.

Ambientes lacustres

Em um período mais recuado, notoriamente mais úmido⁵ que o atual, pode-se idealizar um cenário bastante “atraente” para os grupos humanos que viveram nesta região, já que o fator água influencia não só a ocupação, como também o deslocamento, a circulação de pessoas, entre outros.

Acerca dos estudos em ambientes lacustres, pode-se mencionar a Limnologia como um dos mais importantes. Por ser uma área de competência da Biologia, seus esforços concentram-se puramente no enfoque “ecológico” dos sistemas aquáticos continentais, tais como as lagoas⁶. Neste trabalho, as mesmas se caracterizam da seguinte maneira:

são corpos d'água interiores sem comunicação direta com o mar (Esteves, 1998, p. 11).

5 Segundo estudos paleontológicos na região do Parque Nacional Serra da Capivara, a transição do Pleistoceno para o Holoceno (12.000 a 8.000 AP) é responsável por estabelecer uma paisagem mista, de pradaria e floresta aberta de clima quente. Este último, mais úmido que o atual (Santos, 2007).

6 Em alguns casos, também podem ser aplicados a rios, baías, estuários e ainda em sistemas artificiais (açudes, represas e reservatórios).

não são elementos permanentes das paisagens da terra, pois eles são fenômenos de curta durabilidade na escala geológica, portanto surgem e desaparecem no decorrer do tempo (Esteves, 1998, p. 11).

Para essas formações, ressalta-se a importância dual dos processos endógenos (originários do interior da crosta terrestre) e exógenos (a partir de causas exteriores à crosta). Essas origens estão relacionadas a momentos de atuações glaciais, vulcânicos ou tectônicos (Esteves, 1998).

As lagoas também são importantes elementos presentes na mitologia, na arte e na religião de inúmeros povos por propiciarem diversos benefícios aos mesmos, tais como a pesca, agricultura, pecuária, recursos energéticos, transporte, recreação e turismo (Maltchik, 2000).

“Essas áreas armazenam água, retêm nutrientes, recarregam aquíferos e protegem contra inundações, tendo um papel de destaque na biodiversidade e na produtividade globais” (Maltchik, 2000, p. 67). Além disso, sustentam a “alta biodiversidade e produtividade, fatores essenciais para a estabilidade biológica das regiões onde estão situadas” (Maltchik, 2000, p. 67).

Segundo o primeiro inventário das lagoas intermitentes existentes no semiárido brasileiro (em uma área percorrida de 186.000 km²), o estado do Piauí aparece em quarta posição no que se refere ao número dessas feições (com 1.521 lagoas). Em tal pesquisa, a região de São Raimundo Nonato, na qual está inserida a Lagoa de São Vitor, é referenciada como a detentora da maior quantidade destes pontos d'água no estado, totalizando 220 (Maltchik, 2000).

Observa-se este ranking na Tabela 1:

Tabela 1 - Municípios ou regiões com lagoas intermitentes no semiárido

Estado	Município ou região com maior quantitativo	Município ou região Com menor quantitativo
Bahia	Rio das Rãs (463)	Palmeiras (1)
Rio Grande do Norte	João Câmara (357)	Cerro Corá (2)
Ceará	Independência (310)	Assaré (0)
Piauí	São Rdo. Nonato (220)	Chapadas dos Gerais (0)
Sergipe	Piranhas (188)	Carira (6)
Pernambuco	Bodocó (184)	Sertânia (2)
Alagoas	Pão-de-Açúcar (147)	Santana do Ipanema (49)
Paraíba	Catolé do Rocha (36)	Piancó (4)

No destaque em negrito, a área de São Raimundo Nonato é mencionada como a maior detentora de lagoas em seu território

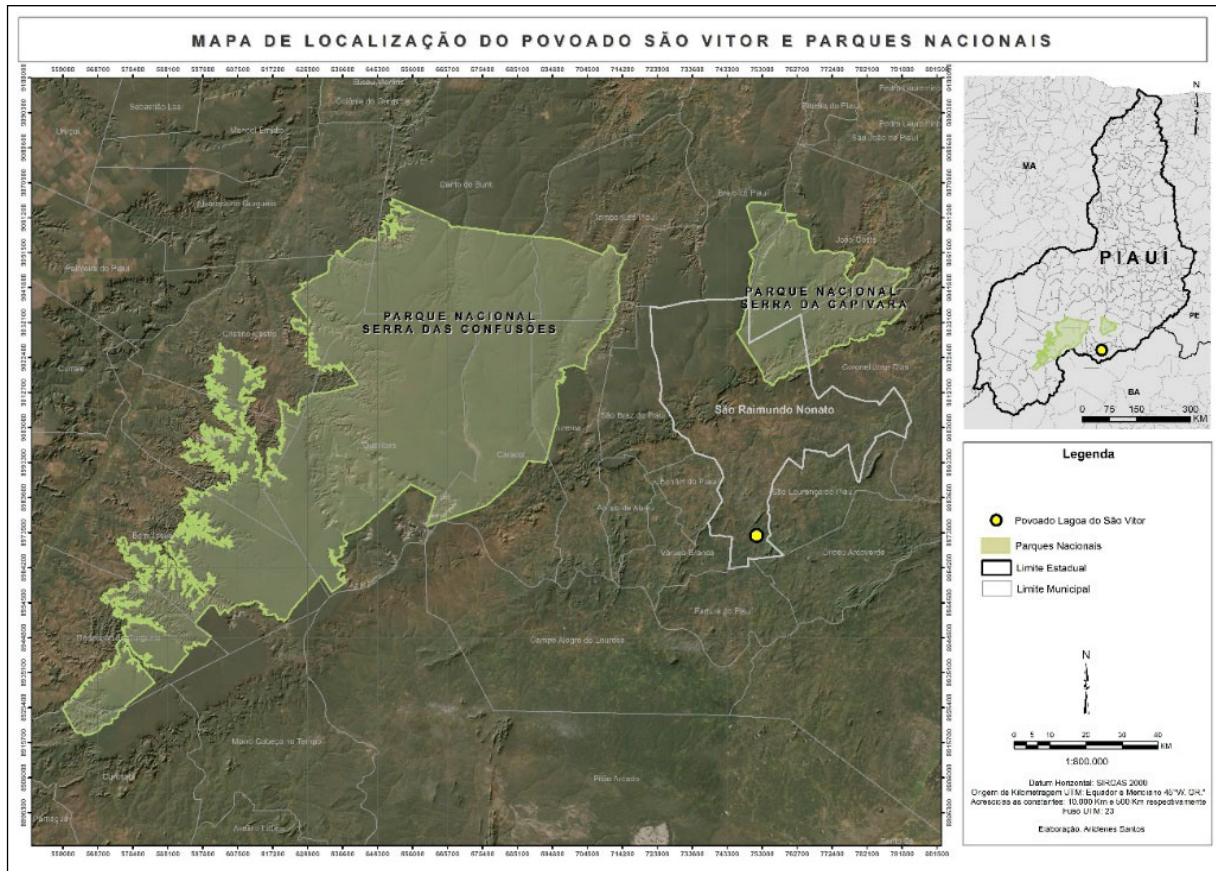
Fonte: Adaptado de Maltchik, 2000, p. 70.

Vale destacar que, na região supracitada, abundam localidades com o topônimo “Lagoa”, tais como: Lagoa da Firmeza, Lagoa da Pedra, Lagoa das Cascas, Lagoa dos Meninos, Lagoa de São Vitor, dentre outras; e, que, hoje fazem parte do também denominado “Território Quilombola Lagoas”. Desse modo, pode-se perceber a importância e a influência desse ambiente lacustre no que diz respeito não só ao meio natural, mas também cultural.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO E PALEONTOLÓGICO LAGOA DE SÃO VITOR

O sítio arqueológico e paleontológico “Lagoa de São Vitor” situa-se no sudoeste do município de São Raimundo Nonato-PI (Figura 6), distando aproximadamente 40 km do núcleo urbano; e localiza-se em um povoado homônimo com aproximadamente 500 habitantes, em uma elevação de 393 m em relação ao nível do mar (Fumdham, 2007).

Figura 6 - Localização do Povoado Lagoa de São Vitor e relação com os Parques Nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões



Fonte: Elaborado por Ariclens Santos (2023).

Este sítio caracteriza-se como um reservatório temporário de água: uma Lagoa (que seca em períodos de estiagem) de aproximadamente um hectare, abastecida pelas vertentes do inselbergue presente no seu lado oeste. Seu entorno, quando escavado pela população local, ainda fornece alguns poços d'água conhecidos popularmente como “cacimbas”.

A “Lagoa de São Vitor” foi evidenciada, enquanto sítio arqueológico, por cientistas da missão franco-brasileira que empreendiam seus estudos na região sudeste do Piauí no ano de 1978. As primeiras intenções de pesquisa neste local consistiam em verificar a estratigrafia desse depósito, objetivando extrair dados que poderiam informar sobre o paleoambiente. Entretanto, de acordo com os relatórios dessas atividades arqueológicas, devido a dinâmica de uso e ocupação antrópica para abastecimento local de água, não foi possível obter uma análise precisa acerca destas informações (Fumdham,

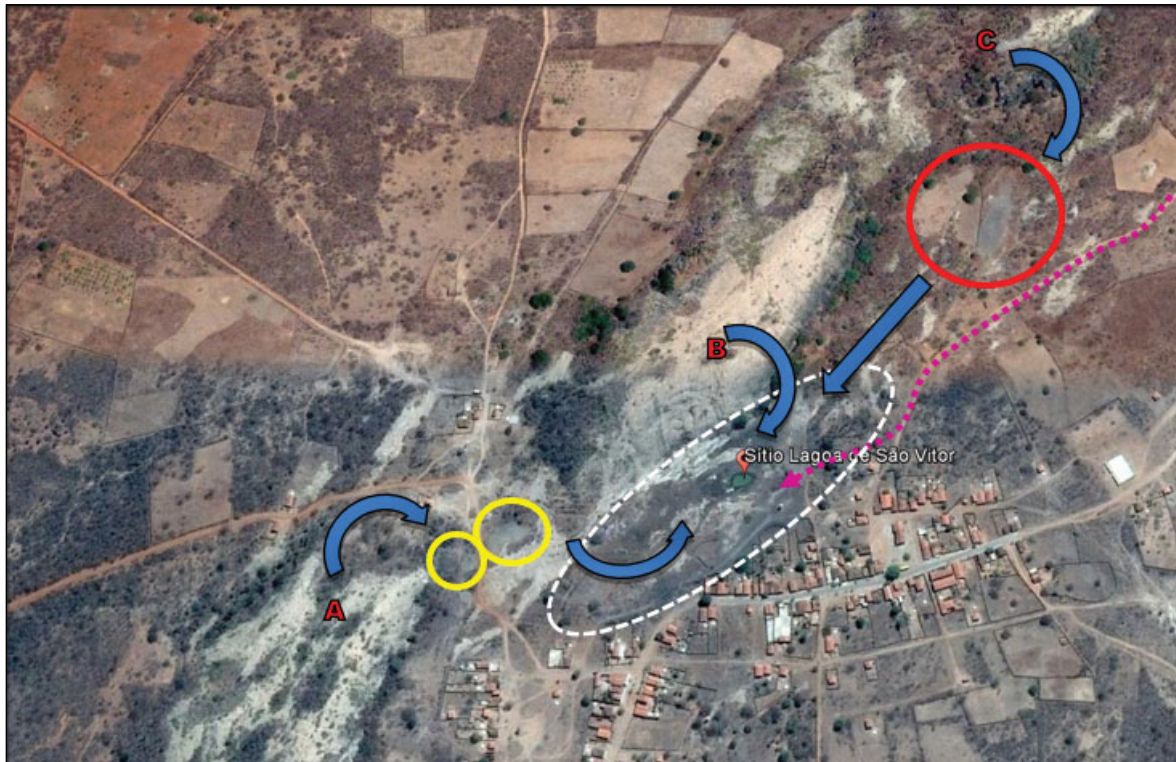
2007, Parenti, 2003).

As primeiras escavações arqueológicas na Lagoa de São Vitor aconteceram no ano de 2007, no âmbito do projeto "A Água e o Berço do Homem Americano" (ABHA). Tal parceria foi firmada entre a Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm) e o Programa Petrobrás Ambiental, que objetivava a promoção de ações integradas para a melhoria da gestão de recursos hídricos na região dos Parques Nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões, e áreas circunvizinhas (Fumdhm, 2007). Tais intervenções, entretanto, não foram continuadas e/ou aprofundadas, causando certa estagnação na produção de conhecimento sobre este tipo de sítio arqueológico e nos ambientes lacustres da região.

Dito isto, para este trabalho é importante elucidar algumas questões que dizem respeito ao sítio Lagoa de São Vitor no que concerne ao seu processo de formação. Em se tratando de um sítio lacustre, a dinâmica das águas, certamente, é um fator preponderante em sua configuração, pois protagoniza constantes processos de transporte intra e extra sítio.

A partir desse pressuposto, a observação direta da Lagoa de São Vitor somadas às informações orais da comunidade, viabilizou a construção de um esboço da rede hídrica de abastecimento desta lagoa (Figura 7), o que implica a própria formação do sítio. O principal objetivo deste procedimento foi verificar os possíveis percursos da água, em uma tentativa de se compreender, também, as prováveis vias de receptação sedimentar e, conseqüentemente de materiais arqueológicos.

Figura 7 - Rede hídrica de abastecimento da Lagoa de São Vitor



Fonte: Adaptado de Google Earth (2015).

Esta rede hídrica da “Lagoa de São Vitor” é abastecida, basicamente, por quatro pontos principais, dos quais três deles são os morros de inselbergues em suas adjacências: A) Morro do Piá; B) Pedra de São Vitor e C) Morro de São Vitor.

Do “Morro do Piá” (A), situado no lado oeste, a água escoar e abastece duas pequenas lagoas (círculos em amarelo), nas adjacências do sítio. Inclusive, a partir da análise de imagens de satélite, foi possível observar que estes corpos d’água se tratavam, na verdade, de um único elemento lacustre, atualmente separadas por uma estrada vicinal. Ao acumular e conseqüentemente transbordarem, suas águas são redirecionadas para o interior da lagoa de São Vitor (círculo tracejado em branco).

Da “Pedra de São Vitor” (B), principal condutor hídrico que abastece este complexo, a água escoar diretamente para a lagoa. Em decorrência de sua magnitude, em todas as dimensões, esta área de vazão (inselbergue) entra em contato direto com o espelho d’água lacustre. O resultado desta configuração desdobra-se em processos naturais de escavação e deposição sedimentar, sem falar no próprio abastecimento do interior do sítio (Figura 8).

Figura 8 - “Pedra de São Vitor” (inselbergue) abastecendo a Lagoa durante precipitação



Fonte: Nívia Assis (2006).

Do “Morro do São Vitor” (C), na porção leste, a água escoa para uma outra lagoa (círculo em vermelho) situada quase em seu sopé, cuja saturação drena a água diretamente para o interior do sítio. Trata-se da “Lagoa da Olaria”, que, de acordo com os moradores, historicamente foi muito importante para a região por fornecer a melhor argila para o fabrico de utensílios e materiais construtivos de barro (telhas, tijolos, potes, etc.); o que é corroborado pelo próprio topônimo.

Uma quarta via de direcionamento da água foi executada pelos moradores, partindo do entorno imediato da localidade e também aproveitando a própria declividade do terreno (seta tracejada lilás). Neste caso, foram escavadas canaletas no solo para coletar e conduzir águas pluviais até serem retidas no interior da Lagoa de São Vitor.

Em se tratando da estratigrafia que este tipo de sítio fornece, Laborda e Mendes (2012) explicam que estas são caracterizadas por uma primeira camada profunda, constituída por sedimentos arenosos ou conglomeráticos de espessuras variadas, recoberta, por sua vez, por sedimentos argilosos, que podem apresentar poucos seixos dispersos. Tal fato pode ser explicado, segundo os autores, por mudanças climáticas em escala global ocorridas na transição Pleistoceno/

Holoceno (por volta de 10/12 mil anos), quando o clima úmido deu lugar à aridez, o que fez com que grandes rios perenes se tornassem intermitentes.

Para além dos processos geológicos de formação da Lagoa de São Vitor, destaca-se, em meio às condições paleoambientais apresentadas, um universo paleontológico diverso que aflora paulatinamente na superfície do sítio. Historicamente, muitos dos fósseis também são coletados por moradores da região que, ao cavarem cacimbas para obtenção d'água, acabam por evidenciá-los.

A partir de escavações científicas, foram evidenciados mais de cinco mil exemplares inteiros e/ou fragmentados da megafauna quaternária que viveu nessa região. Trata-se de aproximadamente 500 espécimes de mamíferos e estão representados pelos grupos: *Scelidotheriinae*, *Glyptodontidae*, *Dasypodidae*, *Toxodontidae*, *Macraucheniiidae*, *Cervidae*, *Panochthus greslebini*, *Eremotherium sp.*, *Tamandua sp.*, *Equus sp.*, *Stegomastodon waringi* e *Palaeolama major* (Guérin; Faure, 2008).

Quanto aos vestígios arqueológicos, este sítio não apresenta uma grande diversidade de cultura material, predominando os artefatos líticos (cerca de 3500 itens), seguido de poucos materiais cerâmicos e louças. Neste espólio, destacam-se dois cachimbos de cerâmica, uma machadinha polida de hematita e uma ponta de projétil de quartzo hialino (Fumdam, s/d).

No entorno da lagoa também há resquícios de um muro ou cerca de pedras justapostas. De acordo com a oralidade, tal estrutura foi construída provavelmente no séc. XVIII, pelo trabalho de escravizados da Fazenda São Victor, pertencente ao Comendador José Piauhylino Antunes de Macêdo, e, posteriormente, aos seus descendentes.

MARCOS PAISAGÍSTICOS

A análise da associação entre conjuntos artefatuais e a organização de estruturas internas de um ou mais sítios arqueológicos, principalmente realizada por meio de levantamentos geomorfológicos, auxilia na compreensão do que se considera, neste trabalho, como paisagem arqueológica. Acredita-se que, em alguns casos, isso ainda pode ser potencializado com dados sobre possíveis acessos e inter-relações entre estes sítios e o modo como estão dispostos na paisagem (Fagundes; Piuzana, 2010).

De forma geral, no caso desse tipo de abordagem paisagística, amplia-se a noção de sítio e soma-se a análise da cultura material, que remete ao contexto organizacional do sítio. Com isso, não se pode conceber nem o artefato, nem o sítio isoladamente, devendo-se correlacioná-los aos demais sítios e suas distribuições na paisagem (Fagundes, 2008).

Neste contexto, ao dialogar com outros autores, Santos Júnior (2013, p. 76) também complementa:

A paisagem passa a ser então um “produto socializado e o termo “paisagem arqueológica” é, em grande parte, uma criação da arqueologia” (Bertrand, 2007, p. 43), onde essa visão da paisagem é cultural e compartilhada pelos grupos sociais que a utilizam, pois está composta por locais que estão relacionados no tempo e no espaço por um sistema de atividades, cuja utilização vai além das necessidades de sobrevivência, como área de assentamento, captação de recursos e expressão simbólica, exibindo múltiplas possibilidades de utilização e interpretação (Hodder, 1986).

Para o caso do sítio Lagoa de São Vitor, a partir da observação da paisagem correlacionada com a materialidade arqueológica, pôde-se estabelecer o que se chama aqui de “Marcos Paisagísticos” (MP).

Figura 9 - Marcos Paisagísticos: Lagoa de São Vitor e Pedra (Inselbergue) de São Vitor



Fonte: Imagem dos autores (2014).

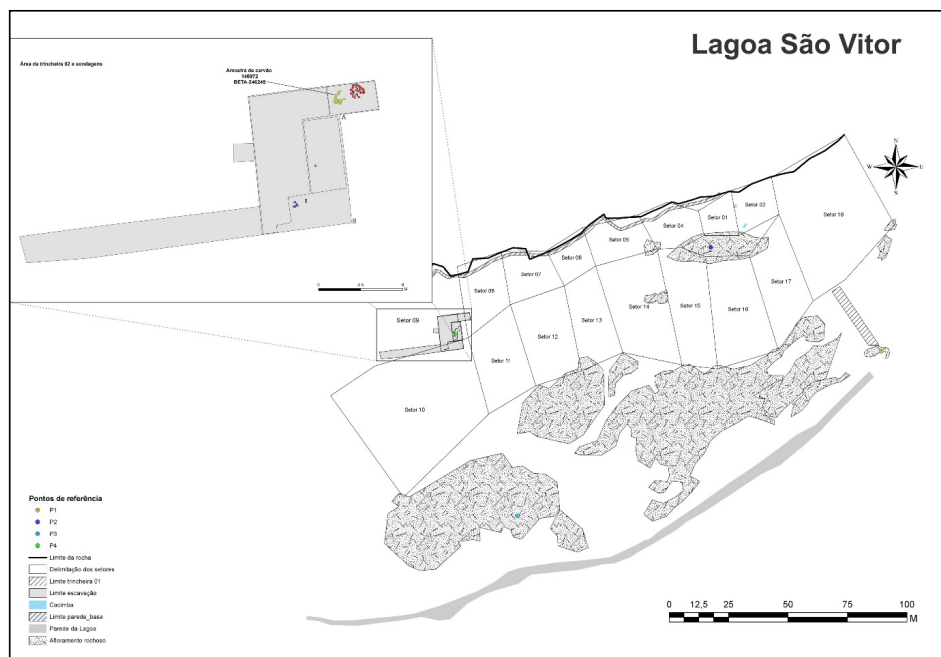
Trata-se de elementos que se destacam social e culturalmente na paisagem, como consequência do uso e ocupação humana, desde o passado até os dias atuais. Nessa região, as lagoas e os inselbergues (Figura 9) são considerados os principais exemplares identificados.

Em se tratando das lagoas, as pesquisas arqueológicas e até descobertas fortuitas, já demonstraram que as mesmas eram locais de atração humana e animal desde períodos recuados, daí a importância da sua caracterização como MP.

De acordo com relatos dos habitantes locais, sazonalmente, nos períodos de grande escassez do semiárido piauiense, a Lagoa de São Vitor sempre serviu como recurso para a captação de água, sobretudo com a abertura de cacimbas: “Vinha gente de... aqui em torno de 20 quilômetros, vinha pegar água aqui, do São Vitor, pra beber, por que é donde tinha” (Miranda, 2015).

Essa interação entre os grupos humanos e a Lagoa de São Vitor também foi constatada em períodos mais recuados através dos dados obtidos nas escavações arqueológicas. A abertura de trincheiras revelou algumas estruturas de combustão em formato circular (fogueiras), que forneceram carvões datados de 360+/-40 anos antes do presente (A.P.). Situadas na porção lacustre mais central, estas permitiram a visualização de um cenário de ocupação em período relativamente seco. Em tal ocasião, o espelho d’água pretérito apresentava um diâmetro naturalmente mais reduzido (Figura 10).

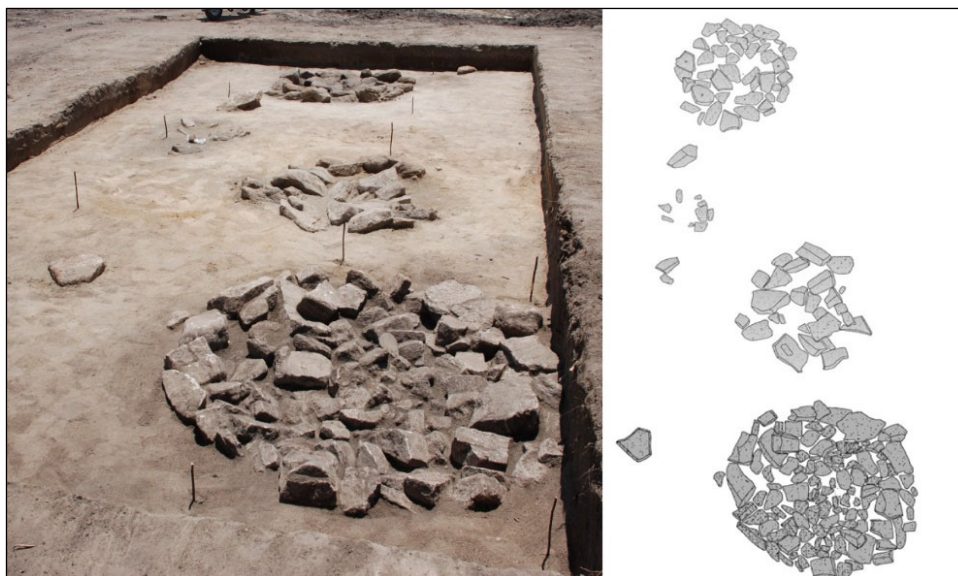
Figura 10 - Localização georreferenciada do local onde as estruturas de combustão foram evidenciadas



Fonte: Acervo Fumdham.

Os blocos que compõem as estruturas de fogueiras, evidenciadas por toda a área escavada, são resquícios rochosos oriundos do processo de esfoliação esferoidal do inselbergue Pedra de São Vitor (Figura 11). Dessa maneira, a própria fonte de matéria-prima para estes arranjos de combustão foi identificada como de origem endógena.

Figura 11 - Estruturas de Fogueiras



Fonte: Acervo Fumdham.

Sobre a datação arqueológica obtida para o sítio Lagoa de São Vitor, a mesma incide sobre o período de colonização desta região, marcado por conflitos entre invasores forasteiros e povos nativos. Trata-se de uma série de conflitos denominada pela historiografia local de “Guerra aos Pimenteira” (Oliveira, 2007a).

Desde os primeiros períodos de ocupação histórica dessa região, quando fazendas de gado foram instaladas em uma área de domínio climático tipicamente semiárido, alguns critérios de seleção do espaço foram cruciais para o desenvolvimento socioeconômico da população alóctone. Trata-se do processo de migração das zonas litorâneas e agreste do Nordeste do Brasil em direção aos locais onde melhor pudessem gozar de benefícios territoriais. As sesmarias, propriamente ditas, inicialmente eram distribuídas pela própria Coroa Portuguesa, e, ao longo do séc. XIX, passaram a ser doadas pelo Poder Real Imperial, constituído no Brasil (Oliveira, 2007a)

Quando observadas em meio às unidades produtivas de ocupação colonial da Capitania do Piauí, as lagoas, bem como os rios intermitentes e os olhos d'água do semiárido, demonstram ter funcionado como pontos estratégicos para a locação dessas áreas, as quais consistiam em grandes complexos de criação extensiva de gado. Desse modo, especificamente neste trabalho, tal condição leva à compreensão de que as lagoas também podem ser vistas como “marcos históricos na paisagem”.

A busca por tais atrativos hídricos esteve inclusive no imaginário colonial dos “incursores do sertão”, quando, por exemplo, o tenente-coronel João do Rego Castelo Branco, na década de 1770, demonstrou agregar ao seu “ofício de desbravador de novas terras”, a busca obsessiva por uma lagoa mitológica denominada “Lagoa Dourada” (Negreiros, 2012).

Apesar da fantasiosa “lenda”, pode-se verificar que as lagoas desta região devem ser compreendidas não apenas como simples reservatórios, pois as águas nelas contidas exerciam um papel dual para os grupos humanos: o fator biológico e o fator simbólico. Estes, por sua vez, também não estariam totalmente dissociados. Negreiros (2012) explica, por exemplo, que, de acordo com as explicações populares, tais locais seriam milagrosos e por isso eram alvo de frequentes visitas de pessoas que almejavam o uso de suas águas para os mais diversos fins.

Se por um lado as lagoas eram o chamariz para as pessoas que ocuparam e circulavam nesse ambiente, por outro lado a grandiosidade dos inselbergues que se descortinam pela superfície notadamente plana desta área, não deveria passar despercebida aos olhos dos que por ali passavam.

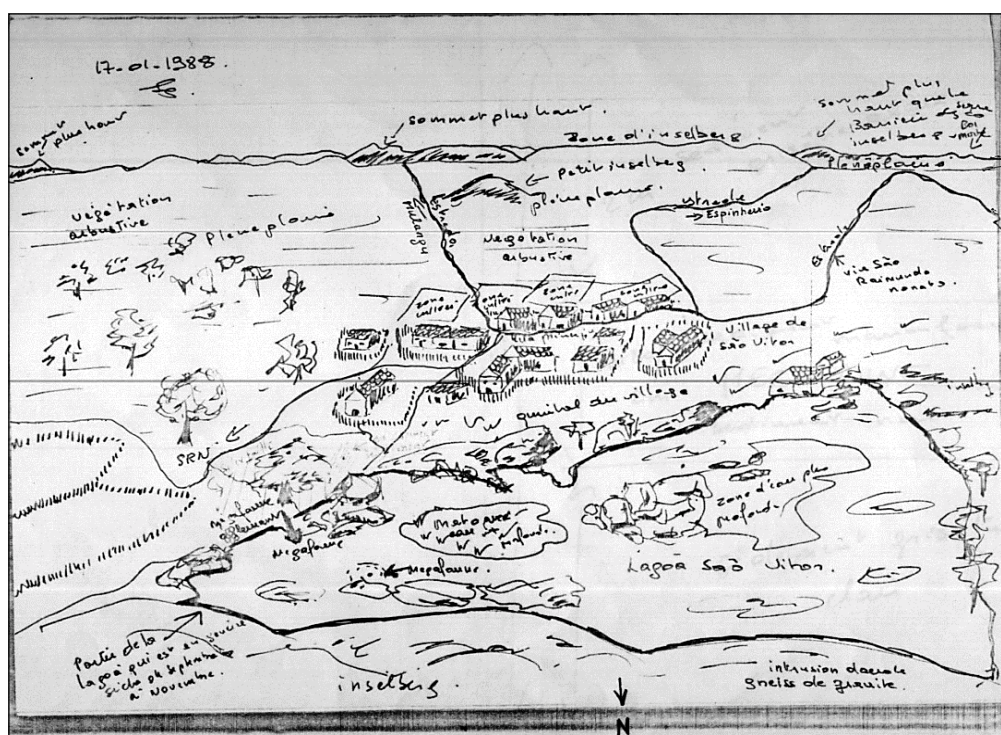
Afinal, não é difícil notar em meio à paisagem feições de relevo proeminentes como serras, inselbergues e/ou morros. Por essa presença imponente é que nesta pesquisa os inselbergues desta região também são interpretados como marcos na paisagem. Neste caso, assim como as lagoas, apresentando um papel dual relacionado às atividades humanas: seu aspecto físico, bem como simbólico.

O inselbergue popularmente chamado “Pedra de São Vitor”, dentre tantas funções, exerce o papel como um localizador da própria comunidade, demarcando o seu espaço físico. Essa função direcionadora, muito

provavelmente se estende desde períodos pretéritos; além do mais, em uma época desprovida de elementos antrópicos na paisagem (como a arquitetura, por exemplo), estes certamente foram utilizados para o norteamento e localização durante os deslocamentos de grupos humanos nesta região.

Da própria “Pedra de São Vitor”, a partir de uma visão de 360 graus, podem-se notar vários inselbergues em suas adjacências. Em um croqui da década de 1980, de Joel Pellerin (Figura 12), é possível notar, a partir da visão de cima do inselbergue deste sítio, os demais elementos constituintes da paisagem da localidade.

Figura 12 - Croqui da paisagem da região da Lagoa de São Vitor



Fonte: Joel Pellerin (1988), Acervo Fumdam.

Negreiros (2012) verificou em sua pesquisa que é possível localizar estas proeminentes formações de relevo a partir de outros pontos desta região. Dentre suas observações, é pontuada a privilegiada visão do “Morro do São Vitor” a partir do sítio da “Aldeia” (Figura 13).

Figura 13 - Vista do “Morro de São Vitor” a partir do Sítio Aldeia



Fonte: Negreiros (2012, p.99).

De acordo com Negreiros (2012) a Fazenda Sítio Aldeia foi um dos locais que sofreram ataques dos índios Pimenteira durante os conflitos de colonização, o primeiro que se tem notícia e, em decorrência disto, foi abandonada pelos seus proprietários. Este sítio localiza-se, atualmente, no município de Várzea Branca-PI (aproximadamente 20 km de distância).

Imagine esta guerra da conquista em pleno sertão dos setecentos: os Pimenteira, em ataques constantes nas fazendas implantadas para “povoar” esta área e os Colonizadores, adentrando os rincões desconhecidos com o objetivo de exterminar os bravios. Pode-se pensar que tais “monumentos” seriam pontos estratégicos ideais para a localização de determinadas áreas, além da amplitude visual, proporcionando a identificação e até mesmo escolhas de possíveis rotas de fuga ou avanço, funcionando, na prática, como excelentes marcos na paisagem e delimitadores de espaços.

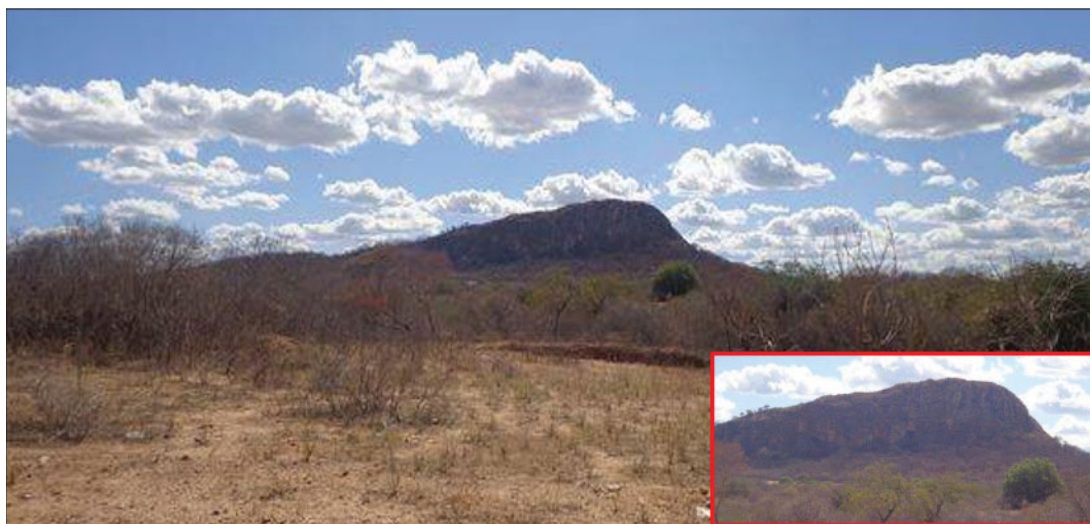
Tendo este tipo de relevo uma importância notadamente física, relacionada a sua configuração paisagística, pode-se mencionar o quanto estes inselbergues poderiam ser importantes também simbolicamente falando. Oliveira (2007a) menciona que no ano de 1811, José Dias Soares (comandante nomeado para realizar operações de ataque aos Pimenteira no início do século XIX), em uma de suas novas operações de entrada no Sertão das Pimenteira (que pelo pequeno número de soldados fracassou) utilizou

algumas indígenas como guias para adentrar nestas áreas mais perigosas, porém não obtiveram êxito; não puderam seguir os pimenteira, e duas delas foram instruídas e enviadas para persuadi-los a entregar-se, como podemos ver no relato a seguir.

Marcaram um encontro com o restante do grupo, que deveria ocorrer em um prazo de quatro dias no lugar Tamanduá; caso não conseguissem chegar na data combinada, o comandante estaria esperando no lugar Conceição, para onde deveriam seguir as índias com o restante do grupo. As índias Pimenteira retornaram depois de alguns dias, trazendo mais cinco índias e uma criança, dentre elas uma índia era considerada pelo grupo como Principal. As mesmas mensageiras prometiam buscar o restante do grupo para selar a paz. O encontro foi marcado no lugar chamada “Tau Tau”, na língua dos índios, também conhecido pela tropa como Morro Pão de Açúcar (Oliveira, 2007a, p. 107-108 – grifo nosso).

O Morro do “Tau Tau” (Figura 14) localiza-se na atual cidade de Bonfim do Piauí-PI, distando aproximadamente 20 km da localidade de São Vitor .

Figura 14 - Morro do Tau Tau, localizado no município de Bonfim do Piauí



Fonte: Danilo Sabino (s/d).

Dessa forma, a escolha deste tipo de local para o encontro supracitado permite-nos a inferência da importância destes locais para o plano simbólico dos grupos indígenas daquela região. Assim como o “Tau Tau” foi utilizado como

um “intermediador” dessas relações simbólico-culturais, outros inselbergues podem ter tido funções similares (que infelizmente não podem ser mensuradas pela materialidade arqueológica) como áreas propícias à realização de rituais e observações astronômicas, por exemplo. O que não se pode é a negar a importância destes relevos proeminentes para os grupos humanos e como estes podem ter influenciado o uso e a ocupação destes espaços ao se configurarem como excepcionais marcos na paisagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente onde a “Lagoa de São Vitor” está inserida possibilitou compreender como esta área foi ocupada, desde períodos mais recuados até o presente. A partir desta análise, foi possível definir marcadores paisagísticos que influenciaram a dinâmica de circulação de grupos humanos do passado: as lagoas e os inselbergues.

É importante elucidar que estes marcos não devem ser entendidos apenas como simples locais de atração de grupos humanos, mas inseridos em um contexto maior correlacionado às simbologias e imaginários. Apesar de não se poder dimensionar, com precisão, a representação simbólica destes marcos para um passado mais recuado, períodos históricos e contemporâneos permitem maiores aproximações.

Neste sentido, a documentação histórica possibilitou o entendimento de como alguns aspectos imateriais são correlacionados aos referidos marcadores da paisagem analisados. Isso se deu, por exemplo, nas buscas pela mitológica Lagoa Dourada e na escolha do morro “Tau Tau” para selar o encontro entre indígenas e os colonizadores.

A materialidade arqueológica permite inferir desde os locais utilizados para manufatura de artefatos (líticos e cerâmicos), até ocupações temporárias (fogueiras estruturadas) ou mesmo permanentes (muro de pedras). Neste último caso, a implantação da Fazenda no entorno da Lagoa de São Vitor é um exemplo.

A partir das análises realizadas, a área do sítio arqueológico e paleontológico estudado foi ampliada, passando a ser interpretada como

“Complexo Paisagístico”. Trata-se, do ponto de vista da Arqueologia da Paisagem aqui considerada, de um conjunto de elementos ambientais e culturais: “Lagoa de São Vitor”, “Pedra de São Vitor”, “Morro de São Vitor”, “Morro do Piá”, “Lagoa da Olaria”, demais marcos paisagísticos adjacentes e estruturas arqueológicas supracitadas.

Atualmente, estes espaços ainda se mostram relevantes para as dinâmicas e vivências da população local e suas relações com as comunidades circunvizinhas. O uso dessas águas para a criação de animais e canalizações para provimento doméstico (abastecimento de reservatórios), por exemplo, são práticas comuns.

Contudo, tendo em vista a problemática de má distribuição de água na região por sistemas adutores oficiais, tais formas de aproveitamento funcionam de maneira complementar, tanto aos métodos tradicionais de coleta de águas pluviais (cisternas), quanto aos modernos poços artesianos para a captação de águas subterrâneas.

O Complexo Paisagístico hoje é um referencial da comunidade Lagoa de São Vitor, por meio dos espaços que o integram, sendo, de fato, um marcador com valor cultural e natural para a sua identificação e localização. Em dias atuais também é utilizado como atrativo turístico em uma prática sustentável que se respalda, principalmente, na fruição desse patrimônio pelos visitantes.

Em suma, nesta pesquisa foi possível descrever como este ambiente lacustre foi ocupado e como a paisagem foi composta, identificando principalmente os seus marcos paisagísticos. No entanto, é necessário que outros estudos arqueológicos de sítios em suas proximidades sejam empreendidos, possibilitando a ampliação de informações sobre o quadro de ocupação desta área.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 7-59, 1999. DOI: 10.1590/S0103-40141999000200002

FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. **A água e o berço do homem americano**. São Raimundo Nonato, PI: Fundação Museu do Homem Americano, 2011.

AGUIAR, R. B.; GOMES, J. R. C. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí**: diagnóstico do município de São Raimundo Nonato. Fortaleza: CPRM – Serviço Geológico do Brasil, 2004. 8 p. 1 mapa. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/piaui/relatorios/203.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ALMEIDA, F. F. M.; HASUI, Y.; BRITO NEVES, B. B.; FUCK, R. A. Províncias estruturais brasileiras. In: SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DO NORDESTE, 8., 1977, Campina Grande. **Atas** [...]. Campina Grande: SBG/Núcleo Nordeste, 1977. p. 363-39

BARROS, J. S.; FERREIRA, R. V.; PEDREIRA, A.J.; GUIDON, N. **Projeto Geoparques**: Geoparque Serra da Capivara – proposta. Brasília, DF: CPRM – Serviço Geológico do Brasil, 2011. 86 p. Disponível em: <https://rigeo.sgb.gov.br>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1980.

DEL VALLE, A. O. S. **Del marco geográfico a la arqueología del paisaje**: la aportación de la fotografía aérea. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1995.

ESTEVES, F. de A. **Fundamentos de Limnologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.

FAGUNDES, M. Uma análise da paisagem em arqueologia: os lugares persistentes. **Canindé**, UFS, Aracaju, n. 11, p. 99-110, jan./jun. 2008.

FAGUNDES, M.; LARA, L. de S.; LEITE, V. A. Paisagem cultural da área arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí-MG: os sítios do complexo arqueológico Campo das Flores, municípios de Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba. **Tarairiú**: Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, Campina Grande, ano 3, v. 1, n. 5, p. 41-66, set./out. 2012.

FAGUNDES, M.; PIUZANA, D. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 8, n. 1, p. 205-220, jan./jun. 2010.

FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO (FUMDHAM). **Dados arqueológicos do sítio Lagoa de São Vitor (226)**. Planilha eletrônica (Microsoft Excel 97-2003 – .xls). São Raimundo Nonato, PI: FUMDHAM, [s.d.].

FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO (FUMDHAM). **Relatório anual de atividades**. São Raimundo Nonato, PI: FUMDHAM, 2007. v. 1.

GUÉRIN, C. *et al.* A fauna pleistocênica do Piauí (Nordeste do Brasil): relações paleoecológicas e biocronológicas. **FUMDHAMentos**, São Raimundo Nonato, n. 1, p. 55-103, 1996.

GUÉRIN, C.; FAURE M. La biodiversité mammalienne au Pléistocène supérieur – Holocène ancien dans la Région du Parc National Serra da Capivara (SE du Piauí, Brésil). **Rev. FUMDHAMentos**, p. 80-93, 2008.

HONORATO, L. C.; FACCIIO, N. B. Arqueologia da paisagem: o conhecimento das áreas de ocupação dos índios pré-coloniais no Paranapanema Paulista. *In*: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA (EGAL), 12., 2009. **Anais** [...]. Montevideu: EGAL, 2009. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiahistorica/01.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Manual técnico de geomorfologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. (Manuais Técnicos em Geociências, n. 5).

LABORDA, J.; MENDES, V. R. **Relatório de campo 2011/2012**. São Raimundo Nonato, PI: Fundação Museu do Homem Americano, 2012.

MACEDO, J. de. **Os nós da arqueologia**: leituras da paisagem e memória na Igreja de Nossa Senhora da Saúde, Rio de Janeiro – RJ. 2011. 292 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011

MAIA, R. P.; BEZERRA, F. H. R.; SALES, V. C. Geomorfologia do Nordeste: concepções clássicas e atuais acerca das superfícies de aplainamento nordestinas. **Revista de Geografia**, Recife, v. especial VIII SINAGEO, n. 1, p. 6-19, set. 2010.

MALTCHIK, L. As lagoas temporárias do semiárido. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 167, p. 67-70, dez. 2000.

MENDES, V. R. **Registro sedimentar quaternário na Bacia do Rio Parnaíba, Piauí**: um estudo multi-indicadores voltado à investigação de mudanças climáticas. 2016. 100 f. Tese (Doutorado em Geoquímica e Geotectônica) – Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MIRANDA, A. A. de. **Comunicação oral**. São Raimundo Nonato, PI, 2015.

NEGREIROS, R. M. B. de. **As trilhas da morte no sertão das pimenteiras-PI (1769-1815)**: caracterização e reconhecimento arqueológico de um território. 2012. 134f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

OLIVEIRA, A. S. N. **O povoamento colonial do sudeste do Piauí**: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência. 2007. 202f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007a.

OLIVEIRA, J. C. L. de. **Ecologia e Arqueologia da Paisagem**: um estudo dos Sítios Pré-Coloniais da Zona da Mata Mineira. 2007. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia aplicada ao manejo e conservação de recursos naturais) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007b.

PARENTI, F. *et al.* Sondagens na Lagoa do Quari, São Raimundo Nonato, Piauí: campanha 2002. **FUMDHAMENTOS**, São Raimundo Nonato, n. 3, p. 130-145, 2003.

RIBEIRO, S. C.; MARÇAL, M. dos S.; CORREA, A. C. de B. Geomorfologia de áreas semi-áridas. uma contribuição aos estudos do sertão nordestino. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 27, n. 1, jan./mar. 2010.

SANTOS JÚNIOR, V. dos. **Arqueologia da paisagem**: proposta geoambiental de um modelo explicativo para os padrões de assentamentos no Enclave Arqueológico Granito Flores, microrregião de Angicos (RN). 2009. 329f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SANTOS, J. C. dos. **O Quaternário do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil**: morfoestratigrafia, sedimentologia, geocronologia e paleoambientes. 2007. 182f. Tese (Doutorado em Geociências) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RA'E GA: O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

SILVEIRA, R. W. D.; VITTE, A. C. A paisagem em Humboldt: da instrumentalização do olhar à percepção do cosmos. *In*: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA (EGAL), 12., 2009, Montevideu, Uruguai. **Anais [...]**. Montevideu: EGAL, 2009.

SIMÕES, F. L. R. Paisagens arqueológicas: considerações teórico-metodológicas sobre arqueologia da paisagem e sua aplicabilidade em um sítio dunar.

História e-História, Campinas, 2012.

SOUSA, G. C.; OLIVEIRA, K. C. S.; CERQUEIRA, M. O. Inselbergs e sua gênese no semiárido baiano. *In: ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA*, 8.; SEMANA DE GEOGRAFIA DA UESB, 10., 2011, Vitória da Conquista. Análise ambiental na perspectiva da Geografia. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2011. **Anais** [...]. p. 1-15.

VALERA, A. C. Em torno de alguns fundamentos e potencialidades da arqueologia da paisagem. **Era Arqueologia**, Lisboa, n. 1, p. 112-121, 2000.

VIEIRA, B. V. F. **O sítio Lagoa de São Vitor sob a ótica da arqueologia da paisagem: cultura material e marcos paisagísticos (sudeste do Piauí)**. 2015. 100 f. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2015

WOLF, S. *et al.* Arqueologia espacial e o Guarani no Vale do Taquari. **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas, v. 10, n. 19, p. 143-164, 2013.